



COORDENAÇÃO ROSA NEVES SIMAS E CLARISSE CANHA | www.umaracores.org | umaracores@gmail.com

**Nota de Abertura**

ROSA NEVES SIMAS



**Afinal, as Palavras Dizem Muita Coisa**

Quer queiramos, quer não, as palavras que escolhemos utilizar dizem muito sobre a visão que temos da vida e do mundo. Na linguística, existe o género gramatical - e.g., em português, "casa" é um substantivo feminino e "carro" é masculino, enquanto em inglês, as palavras "house" e "car" são gramaticalmente neutras.

Porém, aqui chamo atenção para algo muito mais simples: a escolha das palavras que usamos. Concretamente, falo do uso que teimamos em dar, no século XXI, a uma palavra. Quando acontece e tenho a oportunidade de chamar a atenção, a pessoa fica a olhar para mim, acabando por admitir que esse uso já não é aceitável nos dias de hoje.

Falo de "homem" - com "h" maiúsculo ou minúsculo, não importa! - utilizado para referir a humanidade. É óbvio que a palavra "homem" continuará a referir um adulto no masculino, mas utilizá-la para referir toda a humanidade exclui, como é óbvio, metade da humanidade!

Exemplo recente: o Azores Spiritual Summit, evento extremamente interessante e importante sobre a dimensão espiritual do ser humano, perguntava, "Quem sou eu? O que é o Homem?" quando, nem só foi do ser humano que se tratou, como pelo menos 80% da plateia era mulheres! Exemplos destes não faltam, na forma oral e escrita.

E não me digam que é com "h" grande! Não, é uma grande falta de atenção às palavras, sem as quais não seríamos homo sapiens - que significa "homem sábio" e prova que este uso da palavra esteve cravado na espécie durante milénios. É preciso virar a página. ♦

# Migração e Lusofonia em Ilhas Atlânticas: Um Passo para Sul

Ao falarmos do Sul Global, hoje em dia, convém ter presente a dinâmica da migração lusófona; convém dar um passo para sul

ROSA NEVES SIMAS  
UMAR/AÇORES

Inacreditável, inadmissível e ignóbil - alguns adjetivos que descrevem o grande chinfrim criado à volta da migração para Portugal, país de emigrantes mil, com migração inscrita no ADN da nação! Ou seja, nós portugueses temos o direito de migrar para onde nos apetece, como fizemos ao longo de décadas, mas cidadãos de outros países não têm o mesmo direito à igualdade de oportunidades.

Em vez de perceber que estas pessoas indicam que Portugal desenvolveu o suficiente para ser procurado por quem deseja melhor vida, arma-se um chinfrim vergonhoso. A quem hesite quanto à dinâmica da migração à portuguesa, recomendo a leitura do romance premiado de Judite Canha Fernandes, saído em 2019: Um Passo para Sul.

Foi este o livro focado, neste mês de junho, no Clube de Leitura da BPARPD, mode-

**Clube de leitura**

Para facilitar a participação de quem não pode comparecer presencialmente:

Mediação: Conceição Mendonça

\*Via Zoom

rada por Conceição Mendonça, que o escolheu por se tratar de uma escritora jovem que oferece um olhar lúcido, crítico e intenso sobre as condicionantes físico-geográficas e histórico-

culturais dos quatro arquipélagos lusos e atlânticos: de norte para sul, como indica o título. Açores, Madeira, Cabo Verde, e São Tomé e Príncipe.

Ao longo de todo o romance, as personagens, por razões diversas e de formas variadas, movimentam-se entre as ilhas atlânticas da lusofonia, recriando a realidade destes arquipélagos interligados pelo mar, pela língua mãe, e pela cultura lusa. Assim, a narrativa recria as sociedades insulares nos seus múltiplos aspectos: o isolamento

e a pobreza, o conformismo e a intolerância, o colonialismo e a desigualdade, o machismo e a violência contra as mulheres.

O impacto é grande, por vezes regenerador, outras avassalador. Mas há Josué, o santomense romântico que dá um passo para norte, onde está Ângela, a açoriana que dá um passo para sul. Ao falarmos do Sul Global, nos dias que correm, convém ter bem presente esta dinâmica da migração lusófona, que merece maior atenção e compreensão; convém dar um passo para sul. ♦



**Junho 2024**

## Janela para o Futuro

**28 de Junho, Ativismo no Orgulho Gay**

Junho é um mês crucial de celebração e reflexão sobre as questões de orientação sexual e identidade de género. Nos Açores, celebrações na luta pelos direitos LGBTI têm sido marcadas por desafios específicos; a insularidade, por exemplo, mas também pelos progressos notáveis que se vão conseguindo e notando.

A cultura açoriana é tida com sendo tradicional e a sociedade conservadora. No entanto, nos últimos anos, temos



PEDRO GARCIA

assistido a uma mudança positiva, impulsionada pelos esforços incansáveis de ativistas e organizações locais que lutam pela igualdade de género num trabalho árduo em que têm organizado eventos, palestras, campanhas educativas... e marchas que trazem visibilidade e apoio às diferentes causas.

Claro que a discriminação e os preconceitos persistem, entre jovens e pessoas marcadas por traumas graves. É essencial que o governo regional continue a apoiar políticas inclusivas; precisamos de mais educação nas escolas

sobre diversidade de género e orientação sexual, mais apoio psicológico e social para pessoas LGBTI, casas para viver e trabalhos seguros.

Recordo o sucesso do festival Azores Pride, que ano após ano continua a crescer e a chegar a mais pessoas e onde faço o apelo a participarem nas comemorações, principalmente, neste ano onde se comemora os 50 anos da revolução de abril. É um momento para honrar a coragem daqueles que lutam pela igualdade e para renovar o nosso compromisso para com a liberdade. ♦